

## **A construção da representação da família articulada às relações de gênero: apontamentos sobre casamento, divórcio no Jornal Lar Católico.**

**PAOLA LILI LUCENA\***

O jornal Lar Católico consistiu em bem cultural, formulado pela Igreja Católica, instituição produtora de símbolos e normatizações (ARY, 2000:38). Ao exercer uma função normatizadora, este periódico se caracterizou pela disseminação de representações sobre a organização familiar e as relações de Gênero. Especificamente, o objetivo desse artigo é observar as mudanças e permanências que caracterizaram o discurso do Lar Católico sobre a família, entre as décadas de 50 e 80. Partindo da percepção de família, enquanto uma unidade nuclear, o jornal articulou representações de gênero, hierarquizando seus poderes femininos na organização familiar. Pretendia demarcar atuação das mulheres na construção da família católica, indicando-a como mantenedora da unidade familiar. Esperava-se que os leitores se apropriassem dessas representações, convertendo-as em ações práticas que legitimassem a importância da família na construção da sociedade.

Os segmentos da Igreja, que idealizaram o Lar Católico, tinham a consciência do poder que dispunham ao se apoderarem de veículos difusores de discursos (FOUCAULT, 1996:10). Sabiam que esses discursos teriam a capacidade de formular representações sociais, que poderiam conduzir os sujeitos, leitores do jornal, a realizarem determinadas ações, dependendo do modo como se apropriariam desses discursos. (CHARTIER, 1990:23)

A estrutura familiar foi apresentada como instância inerente ao ser humano. O Lar Católico desejava proteger o seu projeto de ordenação social (BERGER, 1985), através da construção de relações familiares. A ordem social deveria ser mantida frente aos desequilíbrios da sociedade contemporânea. Essa manutenção só seria possível se a família, entendida como célula da comunidade, fosse preservada. Nesse sentido, emergiu um discurso contrário à implantação de uma legislação divorcista no Brasil e a favor do amor conjugal.

Como estratégia para alcançar tal projeto, tornou-se torna doutrinar as mulheres, de modo a fazer delas um instrumento para educar toda a família dentro dos moldes cristãos (AZZI, 1993:113). Assim, percebe-se que o jornal definiu o papel da mulher no arranjo

---

\* Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

familiar, criando mecanismos para atrair o público feminino e reforçando um discurso<sup>1</sup> de feminilidade, ancorado ao matrimônio. Com isso, estabeleceu formas de poder dentro das relações de gênero. Logo, pode-se mobilizar o conceito de gênero, enquanto um conhecimento sobre as relações entre homens e mulheres, forjado a partir de relações de poder, construídas historicamente. (SCOTT, 1992:64).

### 1- A História do jornal Lar Católico: a gênese e a identidade do jornal.

Antes de analisar o discurso do Lar Católico sobre a família, é preciso contextualizar o seu surgimento. A Igreja Católica é uma instituição empenhada na produção e veiculação de ideologias (PIERUCCI, 1978:8), que procurou manipular símbolos e de inserir normas e valores no imaginário de seus seguidores. Em meio à necessidade de concretizar os seus projetos, ela identificou nos meios de comunicação um canal para manter contato com o seu povo de modo a evangelizá-lo.

O marco da sua relação com os meios de comunicação foi o pontificado de Leão XIII (1878-1903). Neste momento houve uma consciência sobre crescimento de uma imprensa voltada para a transmissão de ideologias contrárias ao catolicismo. Essa situação fez com que o papa procurasse articular a força católica para opor “escritos aos escritos” (LEÃO XIII, 1947). O seu discurso terá uma repercussão prática, a partir da criação da imprensa católica, ou a “boa imprensa”. Assim, pode-se inserir o Lar Católico dentro do projeto de promoção de uma imprensa voltada para as necessidades do catolicismo.

O Lar Católico nasceu em 1919 e sempre circulou semanalmente. Sua história remonta à chegada dos padres alemães da Congregação do Verbo Divino à cidade de Juiz de Fora, no final do século XIX (PEREIRA, 2002). No ano de 1912, os verbitas criaram Editora Lar Católico, que publicou livros de orientação religiosa, além é claro, do semanário Lar Católico (LAR CATÓLICO, 1945). Esta denominação foi usada até a transferência do jornal para a cidade de Belo Horizonte, em 1986, quando passa a ser chamado de Jornal de Opinião.

---

<sup>1</sup> Nesse caso, entendendo a produção do discurso aos moldes de Michel Foucault, quando afirma que: “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada, temível materialidade.” (FOUCAULT, 1996, p.9).

Durante as décadas de 50 e 60, o Lar Católico procurou enaltecer valores espirituais em detrimento dos materiais, sempre visando à salvação das almas. As desigualdades sociais eram abordadas a partir da doutrina social de Leão XIII, que acreditava na evangelização como o único caminho para se promover a paz social.<sup>2</sup>A inflexão nesse quesito ocorreu a partir do ano de 1984, quando a CNBB passou a cuidar do editorial do jornal. Houve então, um comprometimento com a criação uma consciência política e social, para amenizar as desigualdades do país.

Porém, verificamos a permanência de um discurso atrelado à valorização da família, criando representações restritivas em relação a determinadas condutas femininas (BUARQUE, 2002). A mulher foi considerada a maior aliada da Igreja, pois ela era a principal mentora da educação religiosa das crianças. Assim, ela precisava ser moralizada e imbuída de espiritualidade, para que o restante da sua família também o fosse.

Talvez por esse motivo, o Lar Católico tenha reservado espaço para normatizar as mulheres. Em 1954, a Página Feminina passou a ser publicada semanalmente. Nessa época, o esse espaço era composto por dicas de moda, desenhos gráficos femininos e o consultório sentimental (Intercambio com os Leitores e depois apenas Intercambio) assinado por Maria Madalena Ribeiro de Oliveira. Consistia em um texto voltado para as mulheres, no sentido de doutrinar as suas atitudes e os seus corpos, educando-as para uma vida afetiva satisfatória.

Em 1959, a Página Feminina passou a ser chamada de Orientação Familiar, transmitindo assim a mensagem de aquela era uma leitura válida para toda a família. O objetivo dessa página era reforçar a estratégia de normatizar as condutas sexuais, afetivas e familiares, a partir da criação de representações condizentes com o ideário católico. Através da Orientação familiar e do consultório sentimental, havia a possibilidade de que a apropriação das representações construídas pelo jornal acontecesse com maior sucesso, interferindo nas ações cotidianas dos leitores.

Em 1984 a parte editorial do jornal foi colocada sob a responsabilidade do Regional Leste II da CNBB, devido a um acordo firmado entre os bispos de Minas Gerais e do Espírito

---

<sup>2</sup>Grings, Pe. Lar Católico, 1975.

Santo com a Congregação do Verbo Divino. Enfatizou-se que o Lar Católico continuaria sendo um veículo de evangelização, sempre abordando temas que se relacionam ao interesse social, como a família. No entanto, o periódico se tornou mais atento à realidade social e política do país. Essa tendência trouxe modificações sutis na forma como a família e as mulheres eram retratadas.

## **2- A ideia de família esboçada no Lar Católico.**

A Igreja Católica sempre desejou controlar a família, pois acreditava que esta a ajudaria na fiscalização das condutas e na educação do povo. A família era entendida como uma instituição necessária, natural e divina. O catolicismo identificou a como célula orgânica que dá sustentação à sociedade. A família deveria reproduzir os valores cristãos, construindo cidadãos conscientes de suas responsabilidades e de sua fé.<sup>3</sup> Mesmo sendo uma instituição histórica, houve uma permanência discursiva no Lar Católico, no tocante à família: ela continuava sendo a superior a qualquer outra comunidade terrestre, pois era a única sancionada por um sacramento.<sup>4</sup>

Para alcançar seus objetivos no que concernia à normatização familiar, a Igreja traçou as suas estratégias. Dentre elas, destacou-se a mobilização discursiva através de periódicos católicos, que criaram representações favoráveis à família. Seguindo as orientações do catolicismo, o Lar Católico divulgou suas impressões sobre a família, fazendo uma analogia entre a família humana e a divina. Através dessa associação, traçou a estruturação de gênero presente no contexto familiar.

A família divina funcionava como uma metáfora para a família humana, tornando-a sacralizada. Na família divina, há a figura do pai, todo poderoso, a quem se deve obediência. Em contrapartida, a figura da mãe, nesse caso, Maria, representaria a obediência e a resignação (BIDEGAIN, 1996:47). É no interior da família que se forjam e reforçam as diferenciações de gênero, que organizavam a família ideal projetada pelo catolicismo. Como toda relação de gênero envolve disputa de poderes, também a família se transforma em um centro de poderes possíveis. Essa identificação da família divina com a humana projetava um

<sup>3</sup> LAR CATÓLICO. Juiz de Fora, p.12, 24 mar. 1986.

<sup>4</sup> INTERCÂMBIO COM OS LEITORES. Lar Católico, Juiz de Fora, p.6, 17 fev.1986.

poder mais efetivo para os homens, relegando às mulheres uma função mais direcionada para contenção dos conflitos no ambiente familiar. Portanto, a família ideal para o catolicismo estaria baseada no modelo de *pater familias* (BIDEGAIN, 1996:23).

No início do século XX, a Igreja desejava impor à mulher uma ação restrita ao espaço doméstico e familiar. Assim, se posicionava contra as transformações sociais no tocante às mulheres e à instituição familiar (AZZI, 1987:93). As mudanças de valores que incidiam sobre a família eram dignas de preocupação, pois repercutiriam na sociedade. No entanto, a Igreja não foi capaz de impedir que maiores transformações viessem a afetar a estrutura familiar, cabendo-lhe apenas criar estratégias para amenizar seus impactos. A partir da década de 60, a instituição familiar foi permeada por processos que a levariam a alterar comportamentos no âmbito das relações de gênero. Tanto as discussões sobre o divórcio, quanto a sua inserção no espaço público, trouxeram perspectivas libertadoras para as mulheres. Dessa forma, o Lar Católico reiterou o valor da família, condenando o divórcio. Porém, foi obrigado a aceitar melhor a redefinição da hierarquia de poder dentro da família.

No entanto, o discurso da Igreja persistiu em apontar que o lugar privilegiado da mulher era o espaço familiar. O Lar Católico procurou demonstrar que, destituída de sua ação dentro da família, a mulher perderia o seu papel principal. Além disso, enfatizou a infelicidade causada por uma vida alheia ao convívio familiar.<sup>5</sup> Em seu discurso, há a permanência de alguns valores e padrões que diferenciavam os gêneros, estabelecendo práticas e costumes próprios para cada um dos sexos na configuração familiar. Segundo o jornal, o cotidiano de uma família de classe média, nos anos 80, conferia aos homens responsabilidades sérias, próprias do espaço público e das relações de trabalho. Enquanto que para as mulheres, reservam-se compromissos domésticos (ida ao açougue, à mercearia).<sup>6</sup>

Apesar disso, considerou que nas famílias modernas, a autoridade marital foi substituída pela parental, na qual a mulher também dispunha de algum espaço. Assinalou que homem e mulher seriam diferentes por natureza, tendo campos de atuação diferenciados. Portanto, determinou ser mais sensato que em algumas ocasiões a autoridade feminina deveria

<sup>5</sup> CARTA-TESTEMUNHO de uma esposa infeliz. Lar Católico, Juiz de Fora, p.1, 14 jul. 1974.

<sup>6</sup> FRAGA, H. A família, último lugar. Lar Católico, Juiz de Fora, p.4, 19 maio 1985.

preponderar, sendo o contrário também válido. A partir disso, deve-se concluir que o jornal continuava a defender a atuação dos gêneros em esferas separadas e demarcadas não por convenções sociais, mas por questões de naturalidade.<sup>7</sup>

Há que se enfatizar que, apesar da definição naturalizada dos sexos, o jornal se conscientizou sobre a derrocada da família patriarcal.<sup>8</sup> Essa situação já permitia às mulheres equilibrar melhor o jogo de poder no âmbito familiar. Mas, apesar de apontar para a historicidade da família, afirmou que existiam valores atrelados à família que seriam imprescindíveis para os indivíduos: manutenção da família fundamentada no casamento estável, na responsabilidade na educação dos filhos e na obediência filial.

Entre as décadas de 60 e 80, o jornal identificou situações que poderiam afetar a família. Nesse sentido, buscou protegê-la contra os perigos da desestruturação e diagnosticou que ela não estava sendo observada e defendida.<sup>9</sup> Houve a constatação de que a vida econômica exigia que homens e mulheres estivessem no mercado de trabalho. Com o afastamento dos adultos da casa, as crianças se desenvolvem sem uma formação intelectual e moral adequada.<sup>10</sup> O jornal advertiu que seriam raros os momentos em que as famílias se reuniram para orar, conversar, divertir-se.

Diante de todos os problemas que cercavam a família, o ano de 1974 foi o escolhido pela Igreja para homenageá-la. Neste ano, o Lar Católico propôs que se fortificassem as interações entre os grupos familiares. Na sua concepção, o Movimento Familiar Cristão proporcionaria o contato entre as famílias, para que elas pudessem discutir os seus problemas e encontrar possíveis soluções.<sup>11</sup> Ele desempenharia uma função primordial no âmbito da preparação efetiva e formal dos jovens, pois através dele o indivíduo conheceria uma família segura e tenderia a reproduzi-la em suas futuras experiências. Assim, o ideal de família se disseminaria por toda a sociedade, cumprindo o projeto tão almejado pela Igreja Católica.

<sup>7</sup> GRINGS, T. Deveres do amor conjugal. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.7, 6 ago. 1974.

<sup>8</sup> COSTA, D. João Resende. Uma família diferente. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.10, 15.

<sup>9</sup> RUÍNA da família é origem de muitos males. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.1, 7 jan 1968.

<sup>10</sup> SCHNEIDER, R. Família Hoje. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.7, 3 mar. 1986.

<sup>11</sup> LEONEL. Vida de família. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.1, 25 ago. 1974.

No entanto, a percepção de crise da familiar persistiu durante a década de 70. A queda de valores tradicionais e a ascensão da sensualidade foram apontados como elementos que fomentavam a crise. O jornal articulou um discurso de condenação à onda de erotismo, afirmando que este seria um elemento que desestruturaria a família brasileira.

No entanto, essa questão da liberação sexual não seria para o jornal o único fator que teria contribuído para a degradação da unidade familiar. As dificuldades financeiras foram evidenciadas enquanto causa para a queda da natalidade.<sup>12</sup> As pressões trabalhistas e o alto custo de vida foram apresentados enquanto elementos desafiadores da estabilidade dos lares. Nesse sentido, o Lar Católico incentivou o resgate de uma família estruturada, na qual a paz fosse estabelecida e transmitida para o restante da sociedade.<sup>13</sup>

Quando a CNBB adquiriu o controle da editoração do jornal, o discurso sobre a família tendeu a se alterar. A discussão passou a ser conduzida por jornalistas e especialistas nos relacionamentos interpessoais. O momento se caracterizava pela consolidação da lei divorcista. Portanto, não caberia agora apenas condenar o divórcio, mas buscar novos caminhos para evitá-lo, o que passava pela necessidade de se analisar profundamente o problema da família. Uma vez reconhecidas as necessidades dos casais, o enfrentamento do problema se daria também, através da ação da Pastoral da Família. Esta realizaria um trabalho no sentido de discutir sobre a família, inserindo-a em seus contextos sociais e econômicos.<sup>14</sup>

Percebe-se que, na concepção da CNBB, a família era perpassada por uma série de fatores culturais e econômicos. Os problemas que afetariam uma família de classe média não seriam os mesmos encontrados em uma família economicamente desfavorecida. No entanto, há uma permanência significativa no discurso: a noção de que a desestruturação das famílias seria decisiva para a derrocada da sociedade como um todo.

A possibilidade de desaparecimento da família causou preocupação e foi alvo de críticas veiculadas pelo Lar Católico. No entanto, mesmo que a família estivesse em processo de reformulação, o jornal se recusou a decretar a sua falência. Prever o fim da família

<sup>12</sup> FAMÍLIA em crise. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.1, 20 jul. 1975.

<sup>13</sup> GONÇALVES, A. Um lar católico. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.4, 21 jul. 1986.

<sup>14</sup> QUEIROZ, V. F. Os desafios que a família enfrenta na busca da harmonia. **Lar Católico**, Juiz de Fora, p.12, 24 nov. 1986.

significaria questionar o próprio projeto da Igreja de utilizá-la para estruturar a sociedade. Portanto, o jornal reforçou a proteção sobre a família e se mobilizou quando sentiu que ela estava ameaçada. Na década de 70, a questão era defendê-la da possibilidade de desarticulação devido ao estabelecimento de uma legislação divorcista, que demonstrava a decadência dos valores.<sup>15</sup>

### **3-A luta contra a instituição legal do divórcio no Brasil.**

Nas últimas décadas do século XX, estabeleceu-se um impasse entre a efemeridade das relações contemporâneas e a ideia de indissolubilidade defendida pelo catolicismo. A Igreja demonstrou a sua inquietação com relação à possibilidade da instauração do divórcio na legislação brasileira, pois havia construído representações sobre a indissolubilidade do matrimônio (FAVERI, 2007:337). Assim, estava disposta a defendê-la, alegando que ela já constava nos relatos bíblicos (SNOEK, 1976:15). Mantinha-se, no discurso, o caráter divino e natural do matrimônio (NEGROMONTE, 1958:23), que não deveria ser questionado ou rompido de acordo com a vontade humana. Para Lar Católico “o casamento foi divinamente instituído, de maneira a implicar um vínculo perpétuo e indissolúvel, que mais tarde nenhuma lei humana pode mais denunciar.”<sup>16</sup>

Assim, o jornal traçou estratégias para demonstrar o potencial do amor conjugal e da família, em detrimento dos males provocados pelo divórcio. Nos anos 70, foi possível constatar uma explosão discursiva, que apontava para as consequências nefastas que o divórcio produziria na sociedade ao desestabilizar a família. Isso se deveu ao fato de a instituição do casamento estar ameaçada pela eminência de uma legislação divorcista.

Uma possível legalização do divórcio não alteraria a defesa católica da indissolubilidade. No entanto, acreditava-se que a sociedade brasileira se desorganizaria com a adoção da prática divorcista.<sup>17</sup> Portanto, já na década de 60, o Lar Católico considerou que “o divórcio não é o remédio: é veneno, é dissolução, é porta aberta para toda espécie de

<sup>15</sup> DEFESA da família. Lar Católico, Juiz de Fora, p.1, 16 mar. 1975.

<sup>16</sup> BARNABITA, J. M. Divórcio e amor livre. Lar Católico, Juiz de Fora, p.1, 27 abr. 1975.

<sup>17</sup> SALES, E. A. O Divórcio. Lar Católico, Juiz de Fora, p.7, 3 nov. 1974.



desmandos, é violação dalei natural e divina.”<sup>18</sup> Era preciso refutar possíveis argumentos que identificaram o casamento enquanto um mero contrato humano.<sup>19</sup>

Foi nesse contexto histórico que a Igreja utilizou-se de estratégias como o envio de cartas para os parlamentares, com o intuito de convencê-los a respeito da não aceitação social de semelhante lei (FAVERI, 2007:345). Essa mobilização ficou patente nas páginas do Lar Católico, que temeroso que o novo código civil de 1967 optasse pela aceitação da dissolução matrimonial, resolveu envolver os seus leitores em uma campanha contrária à introdução do divórcio.<sup>20</sup> Não se pode afirmar até que o ponto a pressão católica influenciou na manutenção da indissolubilidade na constituição de 1967 (NICHNIG, 2008:115).

Foi o senador Nelson Carneiro quem capitaneou o projeto que culminaria com a aprovação da lei divorcista no ano de 1977.<sup>21</sup> Sabe-se que o debate em torno dessa lei foi fervoroso. Em maio de 1975, Nelson Carneiro havia proposto uma emenda que teria por objetivo legalizar a dissolução matrimonial. O jornal noticiou que em setembro, o Congresso Nacional debatia a questão do divórcio, expondo a existência das diferentes opiniões sobre esse tema entre os parlamentares brasileiros. Demonstrou a esperança de tal projeto estaria fadado ao fracasso, pois acreditava que muitos parlamentares não alterariam os seus valores e defenderiam os preceitos familiares.

No entanto, denunciou o desserviço social prestado pelos deputados que defendiam a causa divorcista.<sup>22</sup> Interpretou a tentativa de colocar fim a indissolubilidade como uma afronta em relação à Igreja e a condição sacramental do matrimônio. Assim, o Lar Católico acreditou que esses indivíduos estavam empenhados em destruir a Igreja, atacando severamente a base na qual ela se assentava: as relações familiares.

O fato é a primeira fase desse processo não foi bem sucedida para Nelson Carneiro (FAVERI, 2007:347). Logicamente, o Lar Católico comemorou esse fato.<sup>23</sup> Porém, considerou

<sup>18</sup> NÃO há tréguas na guerra contra a estabilidade dos lares. Lar Católico, Juiz de Fora, p.1, 8 jan. 1967.

<sup>19</sup> 120 OBJEÇÕES divorcistas. Lar Católico, Juiz de Fora, p.7, 12 out. 1975.

<sup>20</sup> LUTEMOS contra o novo Código Civil. Lar Católico, Juiz de Fora, p.5, 26 jun. 1966.

<sup>21</sup> A Lei n. 6.515, de 26 de dezembro de 1977, instituiu o divórcio e a dissolubilidade do vínculo matrimonial, possibilitando novas uniões (BRASIL, 1977).

<sup>22</sup> BARNABITA, J. M. Divórcio e amor livre. Lar Católico, Juiz de Fora, p.1, 27 abr. 1975.

<sup>23</sup> VENCEU o bom censo no Congresso. Lar Católico, Juiz de Fora, p.5, 6 jul. 1975.

que havia muito a ser feito para manter a ordem familiar no país. A discussão sobre a lei teria proporcionado a oportunidade para se analisar os problemas que assolavam os cônjuges. Tais problemas seriam sanados com o sucesso da preparação dos jovens para o amor conjugal. Apesar da oposição ferrenha, a emenda à Constituição de 1967 que permitia a dissolução do matrimônio foi aprovada em 1977. Diante disso, o Lar Católico produziu discursos sobre os males sociais do divórcio. Enfatizou que somente os desajustados concordavam com o divórcio, pois as pessoas de fé sanavam suas dificuldades matrimoniais, através do perdão e do arrependimento dos cônjuges.

O jornal identificou os problemas que poderiam corromper o casamento. Considerou que a falta de preparação dos jovens seria um fator que contribuiria para a desestabilização dos matrimônios. Havia a percepção de que a preparação diminuiria os atritos oriundos de uma falta de conhecimento sobre o casamento e as características pessoais do cônjuge escolhido.<sup>24</sup> Caso ela ocorresse, o casal estaria munido de forças suficientes para enfrentar as adversidades, e as manifestações sexuais.

O Lar Católico condenou os motivos levianos, que alguns casais alegavam para desejar a separação. Sabe-se que nas últimas décadas do século XX, o intercâmbio sexual passou a ser o motor da conjugalidade (BOZON, 2003:134). Logicamente, o jornal interpretou que esse fenômeno traria instabilidade para as relações conjugais, já que elas poderiam ser rompidas sob alegação da falta de compatibilidade sexual. Nesse sentido, a sexualidade poderia se tornar um elemento desestabilizador da família e do casamento. Portanto, deveria ficar em segundo plano, funcionando como um aporte a uma união legalizada.

Neste contexto, cabia ao jornal fazer apologia ao amor conjugal, demonstrando que a relação matrimonial não deveria se apoiar unicamente na atividade sexual. O amor verdadeiro foi interpretado como sendo um sentimento que se fortalecia após o casamento e era regido pela abnegação, renúncia, sacrifício e compreensão e perdão dos deslizes do outro.<sup>25</sup> Aqueles que optavam pelo divórcio não conheciam o amor verdadeiro.

---

<sup>24</sup> AMBRÓSIO. Religião e Namoro. Lar Católico, Juiz de Fora, p.3, 8 fev. 1959.

<sup>25</sup> VITOR, M. Por quê o divórcio? Lar Católico, Juiz de Fora, p. 7, 22 jun. 1975.

O divórcio também foi colocado como uma prática ineficiente para alguns grupos sociais. O jornal denunciou que mulheres e crianças ficariam submetidas ao desamparo se estivessem desprovidos da presença masculina.<sup>26</sup> Quanto às crianças, o jornal mobilizou o discurso de especialistas que garantiram que o divórcio dos pais poderia acarretar em traumas que dificilmente seriam superados.<sup>27</sup> A mulher também foi apontada como vítima do divórcio, pois possivelmente sofreria preconceito e segregação social.<sup>28</sup> Para a Igreja, a instabilidade do matrimônio representaria a derrocada do poder feminino, ao questionar sua legitimidade no âmbito da família. Por conta disso, a posição social da mulher sairia mais afetada que a do homem (FAVERI, 2007:343).

Nos anos 70, o jornal esclareceu que a Igreja se encontrava aberta para atender às demandas das mulheres divorciadas.<sup>29</sup> Na década seguinte, essa tendência de perdão aos divorciados continuou presente. Nesse sentido esclareceu que o Papa João Paulo II não fazia objeção à participação dos divorciados no cotidiano da Igreja.<sup>30</sup> Ao considerar que o divorciado deveria ser perdoado, a Igreja o percebia enquanto um pecador. Nessa acepção, não há a condenação do pecador, mas sim do pecado.

Na década de 80, o divórcio já era uma realidade para muitos homens e mulheres. Observando esse fenômeno, o semanário esboçou um diagnóstico a respeito do modo como a sociedade receberia a mulher separada. Havia a larga percepção de que os homens se reinseriam novamente na sociedade, enquanto as mulheres ainda permaneceriam marginalizadas. Porém, o Lar Católico esclareceu que se posicionava contra essa marginalização e aconselhou a sociedade a aceitá-las, pois muitas delas ainda faziam parte da Igreja.<sup>31</sup> A Igreja deveria também zelar por elas, pois estariam desprotegidas e precisavam recuperar a sua dignidade.

Permanecia a ideia de que a verdadeira felicidade somente era obtida por meio da família nuclear, na qual o diálogo entre os dois gêneros fosse estabelecido para melhor

<sup>26</sup> ALONSO, M. A. Retorno ao Divórcio. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.7, 16 mar. 1975.

<sup>27</sup> O DIVÓRCIO, fator de risco para os filhos. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.5, 3 maio 1981.

<sup>28</sup> SILVEIRA, I. A mulher divorciada. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.1, 17 ago. 1958.

<sup>29</sup> CONGRESSO reúne mulheres separadas na França. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.8, 4 ago. 1974.

<sup>30</sup> QUEIROZ, V. Casamento: questão de convivência. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.9, 19 maio 1985.

<sup>31</sup> UM MOVIMENTO cristão das mulheres separadas. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.5, 15 nov. 1981.

gerenciar a prole. Tal família estariapropensa a sucumbir diante da possibilidade divorcista. Por isso, o Lar Católico esboçou um discurso favorável ao amor conjugal.

#### **4- Matrimônio e amor conjugal.**

A partir do século XII, a Igreja se tornou responsável pela realização dos casamentos (ARIÈS, 1987:178-179). A presença do padre demarcava o caráter sagrado da cerimônia (BOSSY, 1985:36-37). O fato é que a partir do século IX, o casamento tomou a forma de uma cerimônia religiosa, que representava a união do Cristo com a sua Igreja (AZPITARTE, 2001:95). O Estabelecimento do vínculo conjugal que possibilitaria a criação de uma família e a reprodução da espécie, consistindo em um caminho para a salvação (FLANDRIN, 1986:132).

No século XII, o casamento se firmou como um sacramento de importância legítima para a pastoral da Igreja (HOORNAERT, 1967:900). No século XIII, o IV Concílio de Latrão consolidou o casamento monogâmico e indissolúvel (LIMA, 1986:67). A partir de então, a indissolubilidade do casamento passou a ser um princípio fundamental do cristianismo, compondo o ethos familiar.

O Lar Católico enalteceu o matrimônio enquanto um sacramento e um momento de comunicação entre o homem, a mulher e a divindade. No entanto, ele teria uma faceta também humana, sendo impossível apenas vivenciá-lo no plano da espiritualidade. Os atos de carinho dentro do casamento trariam prazer humano, mas também seriam essenciais para o engrandecimento do amor conjugal e da santificação dos esposos.

A tradição cristã tem enfatizado duas finalidades para a execução do casamento, que estariam presente mesmo antes do advento do cristianismo (FOUCAULT, 1985:153). Ao longo do tempo, verifica-se que a escala de prioridade entre essas duas finalidades tem se alterado. A princípio, o discurso da Igreja privilegiava a finalidade procriadora, deixando a relação de mutualidade e companheirismo entre os dois cônjuges em segundo plano. Essa perspectiva chegou ao século XX, através da *Casti Connubii* (PIO XI, 1930). A encíclica detalhou as ideias do catolicismo sobre o casamento, enfatizando a sua origem divina. Além disso, apontou o divórcio e o adultério como os fatores que poderiam corromper a família.

A *CastiConnubii* (PIO XI, 1930) estabeleceu e referendou uma hierarquia entre as finalidades do casamento, considerando como prioridade a procriação em detrimento do apoio mútuo entre os cônjuges e alívio da concupiscência. A teologia matrimonial foi estabelecida a partir da valorização da fecundidade, legitimando as relações sexuais empreendidas com o objetivo de procriar. Houve uma inflexão nesse sentido, quando em 1951, o documento *Sobre o Apostolado das Parteiras*, abriu espaço para a aceitação do sexo sem a procriação, dentro do casamento (RIBEIRO, 1989:145). A utilização da continência periódica foi aceita, desde que fosse empregada diante de razões realmente graves (MOSER, 1977). Portanto, contribuiu para que o amor conjugal fosse valorizado pela Igreja.

Com a *GaudiumetSpes* (VATICANO, 1965), a prerrogativa da hierarquização dos fins matrimoniais foi negligenciada (RIBEIRO, 1989:140). Com isso, a doutrina passou a considerar o casamento enquanto um pacto de amor entre os esposos, marcado pela fidelidade e indissolubilidade. Logo, *Lar Católico* passou a valorizar o amor conjugal, vinculando-o a uma sexualidade sadia, principalmente a partir dos anos 60.<sup>32</sup>

Não se pode dizer que o discurso religioso camuflou a sexualidade conjugal.<sup>33</sup> Porém sua situação permaneceu secundária dentro do matrimônio cristão. O amor, na sua acepção mais erótica, era problemático, pois sua durabilidade seria incompatível com a indissolubilidade do matrimônio. O *Lar Católico* considerou que a falta de amor não seria um motivo suficiente para romper com os laços matrimoniais. Assim, apresentou amor em uma dimensão menos efêmera, que previa uma dedicação espiritual.

Outras questões que envolviam as práticas matrimoniais foram evidenciadas pelo *Lar Católico*. Dentre elas é possível destacar as uniões não legitimadas pelo catolicismo. O discurso do *Lar Católico* se caracterizou pela condenação em relação às uniões não sacramentadas pela Igreja. Sendo identificado como um laço instável, o concubinato poderia acarretar problemas mulheres e crianças. Logo, configuraria uma calamidade social, pois não daria origem a uma família bem construída.<sup>34</sup> Essas uniões, segundo o jornal, originariam uma legião de filhos ilegítimos e criados de modo irresponsável, que desenvolveriam problemas

<sup>32</sup> GRINGS, T. Amor Conjugal. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.7, 21 jul. 1974.

<sup>33</sup> GRINGS, T. Amor e leis matrimoniais. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.7, 28 jul. 1974.

<sup>34</sup> FRANTZ, T. Onde estão os nossos pais? *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.5, 20 mar. 1966.

psíquicos e dificuldades de ajustamento social. Nesse sentido também, a falta de vínculo matrimonial dos pais poderia afetar o futuro social dos filhos.<sup>35</sup> Havia também a percepção de que o amor conjugal não floresceria nessas condições.

Essas uniões pareciam alheias ao projeto de família pregado pela Igreja Católica. Segundo o *Lar Católico*, nenhuma outra Igreja se assentava de maneira tão forte sobre o ideal de família como a católica<sup>36</sup> e por conta disso, tal Igreja arregimentava as suas forças em torno de valores centrados, específicos e tradicionais, no que tangia às relações familiares.

#### Considerações finais:

Por meio desse artigo, buscou-se evidenciar as interseções entre o discurso religioso e as representações que circundam os gêneros, afetando as relações sexuais e familiares. Logicamente, isso se tornou possível através do trabalho realizado com o periódico católico *Lar Católico*, veículo através do qual a Igreja pretendeu transmitir seus preceitos, com a intenção de construir uma sociedade organizada a partir de uma estrutura oferecida pelo catolicismo.

Percebe-se, que no campo da família, o jornal optou por mudanças discursivas amenas e por permanências significativas. A discussão sobre o divórcio desafiou os padrões católicos de família e gênero. Diante desse quadro de intensas transformações que poderiam afetar ou mesmo transfigurar o seu projeto social, que demandava por uma família bem organizada, o jornal mobilizou práticas discursivas, apoiando-se nas representações de amor conjugal.

#### Documentos:

PIO XI. **Encíclica CastiConnubii**. Sobre o Matrimônio Cristão. 1930.

VATICANO. Concílio Vaticano II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. A Igreja no mundo de hoje. 1965.

LEÃO XIII. Sobre a imprensa – (excertos). Petrópolis; Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Vozes Ltda, 1947. 31 páginas.

<sup>35</sup> FRANTZ, T. Onde estão os nossos pais? *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.5, 20 mar. 1966.

<sup>36</sup> GRINGS, T. Irregularidades do casamento. *Lar Católico*, Juiz de Fora, p.7, 09 jun. 1974.

**Bibliografia:**

ARIÈS, P. O casamento indissolúvel. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.) **Sexualidades ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Chiristina Ferreira Stummer. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a.p.163-182.

ARY, Z. **Masculino e feminino no imaginário católico**: da ação católica à teologia dalibertação. São Paulo: Annabluma, 2000. Coleção Diálogos.

AZPITARTE, E. L. **Amor, sexualidad y matrimonio**: para uma fundamentación de la ética cristiana. Buenos Aires: San Benito, 2001.

AZZI, R. Família e valores no pensamento brasileiro (1870-1950): um enfoque histórico. In: RIBEIRO, I. **Sociedade brasileira contemporânea**: família e valores. São Paulo: Loyola, 1987. p.85-120.

\_\_\_\_\_.Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCILIO, M.L. (Org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola,1993.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIDEGAIN, A. M. (Org.). **Mulheres**: Autonomia e controle religioso na América Latina.Petrópolis: Vozes, 1996.

BOSSY, J. **A cristandade no ocidente (1400-1700)**. Tradução de Maria Amélia Silva Melo. Lisboa: Edições 70, 1985.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.20, p.131-156, 2003.

BUARQUE, V. A. C. Práticas femininas no projeto de restauração católica (1922-1942). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 10, 2002, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2002.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

FAVERI, M. **Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa**. **Caderno espaço feminino**, Florianópolis, v.17, n.1, p. 335-357, jan./jul. 2007.

FLANDRIN, J. L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.p.135-152.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

LAR CATÓLICO. **Jubileu Áureo: 50º Aniversário da chegada dos primeiros Missionários da Congregação do Verbo Divino ao Brasil**. Tipografia do Lar Católico: Juiz de Fora, 1945.

HOORNAERT, E. A igreja latina diante do casamento. **Revista eclesiástica brasileira**, Petrópolis, v.4, n. 27, p.43-54, 1967.

LIMA, L. L. G. Aprisionando o desejo: confissão e sexualidade. In: VAINFAS, R. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.67-88.

MOSER, A. **A paternidade responsável face a uma mentalidade contraceptiva**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. Cadernos de Teologia Pastoral, n.2.

NEGROMONTE, A. **Noivos e esposos: problemas do matrimônio**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

NICHNIG, C. R. **Entre igualdades e diferenças: mudanças nas legislações referentes às mulheres (1975-1985)**. 2008. 189f. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.



PEREIRA, M. S. **Romanização e reforma católica ultramontana da igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)**. 2002. 185f. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru:EDUSC, 2005.

PIERUCCI, A. F. O. **Contradições e acomodação: ideologia do clero católico sobre reprodução humana no Brasil**. São Paulo: CEBRAP, 1978. Cadernos CEBRAP, n.30. Disponível em: <[www.cebrap.org.br/v1/template.php/area](http://www.cebrap.org.br/v1/template.php/area)>. Acesso em: 25 jan. 2009.

RIBEIRO, I. O amor dos cônjuges: uma análise do discurso católico (século XX). In:D'INCAO, M. A. (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p.129-150.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

SNOEK, J. **Ética sexual e matrimonial**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.